



Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura¹

Criselli MONTIPÓ²

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Resumo

A atualidade complexa da vida humana tem atribuído novos sentidos ao fazer jornalístico. Desta forma, os jornalistas passaram a ser mediadores de um cotidiano cada vez mais diversificado e mutável. Como aproximar o público desta realidade em constante transformação? Afinal, com o desenvolvimento e a mercantilização do jornalismo, ocorreu o distanciamento daquela que é a motivadora de toda informação: a vivência humana, objetiva e subjetiva. Este trabalho sugere algumas reflexões acerca da humanização na narrativa jornalística, para que, embasada na ética profissional, possa oferecer um jornalismo mais próximo da realidade humana.

Palavras-chave

Fundamentos do Jornalismo; Narrativa jornalística; Ética; Humanização.

Jornalismo: exigências complexas de um fazer profissional

Desde seu surgimento o jornalismo tem ocupado a responsabilidade de ser mediador do espaço público, simbólico. Entretanto, Nelson Traquina já questionou: "Afinal, qual é o papel do jornalismo na sociedade – um campo aberto que todos os agentes sociais podem mobilizar para as suas estratégias comunicacionais ou um campo fechado a serviço do *status quo*?" (2004, p.145). Ou seja, de que forma o fazer jornalístico influencia nas decisões dos agentes sociais? O relato jornalístico da atualidade é capaz de demonstrar a complexidade humana em sua totalidade?

Tais questões, dada a relevância do jornalismo, não podem ser respondidas taxativamente. A partir destas indagações, este trabalho busca trazer algumas reflexões sobre o fazer jornalístico, por isso comunga com autores que, embora com pontos de vista por vezes divergentes, colaboram na compreensão sobre a atividade jornalística na contemporaneidade, que passa por inúmeras transformações.

Estes autores concordam que a complexidade da vida é o que motiva o relato jornalístico e que tal relato tem como pressuposto ser plural e democrático, pois

¹Trabalho apresentado ao DT 1 – Jornalismo, GP Teoria do Jornalismo, do XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Jornalista especialista em Didática e Docência no Ensino Superior e mestranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; e-mail criselli@gmail.com



pretende ser o espaço compartilhado para o qual os diferentes sujeitos sociais projetam seus discursos.

Luiz Beltrão (2006) lembra que a complexidade do mecanismo social (inseguranças e crises, propagação de culturas, concentração de massas) reforçou a necessidade de uma informação que abarque todos os acontecimentos da atualidade, porque todos eles têm ou podem exercer uma influência direta sobre a vida coletiva ou pessoal de todos os homens (2006, p.15). E destaca: "o jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum" (2006, p.31).

Por outro lado, é preciso lembrar que a produção jornalística não é neutra, mas carregada de sentidos atribuídos pela empresa jornalística, pelos jornalistas, suas fontes ou, ainda, condicionantes externas, como a política e a economia. Jorge Pedro Sousa esclarece que a produção jornalística resulta de um processo de construção onde estão em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos (2002, p. 13).

Neste aspecto é preciso salientar que o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis – portanto, fazeres combinados com intenções, como já mencionou Chaparro (1994). Assim, a produção jornalística é resultado de um mosaico de processos, vozes e estilos que obedece aos mesmos moldes da existência que busca retratar: a complexidade do mecanismo social. Diante disso, como o jornalismo contemporâneo tem relatado a vivência humana imbricada em sua complexidade? Tal questionamento encontra seus indícios a alguns passos atrás na história da humanidade, mais especificamente no momento em que a imprensa incorpora os moldes de fabricação capitalista de racionalidade e eficiência.

Cremilda Medina (2006) nota que este pensamento vigente se traduz nas redações na forma de padronizações de procedimentos para a constituição de modelos praticados até hoje. Segundo ela, os princípios funcional-positivistas inscritos na Modernidade impulsionaram práticas que incentivaram a separação entre o que é subjetivo e objetivo, priorizando este último nos relatos jornalísticos e, com isso, diminuíram as possibilidades de contextualização e, portanto, de humanização dos fatos narrados.

Medina lembra que Auguste Comte (1798-1857) – que sistematizou o positivismo criado por Claude Henri de Rouvroy (1760-1825) – propôs que o estado



positivo é um "regime definitivo da razão em que a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais" (MEDINA, 2008, p. 18). Segundo a autora, este princípio rege a coleta de informações na atualidade. A produção jornalística também obedece ao método cartesiano, de René Descartes (1596-1650), com a crença na possibilidade de que tudo possa ser fragmentado para então ser tratado isoladamente.

A partir da adoção destes modos de fazer jornalístico, a complexidade da vida humana passou a ser reduzida à instantaneidade informativa que nem sempre consegue captar elementos que auxiliem o público receptor na tarefa de conhecer, mesmo que em parte, a realidade da qual integra. Ao contrário da ideia de fragmentação e racionalidade, a atualidade mostra-se complexa e interrelacionada: o que se faz de um lado do planeta pode ter reflexo direto no outro. Desta forma, a vivência humana na contemporaneidade exige muito mais do trabalho dos jornalistas. Para compreender o mundo atual de forma mais completa é preciso ampliar as formas de enxergá-lo. Portanto, a utilização de outras abordagens jornalísticas mais conectadas com a atual realidade social pode possibilitar uma nova visão sobre o mundo que o jornalismo noticia.

Heranças presentes no ensino do Jornalismo

Em sua obra *O conhecimento do jornalismo* (1992), Eduardo Meditsch faz abordagens sobre o jornalismo como forma de conhecimento e revisita a obra de Adelmo Genro Filho, *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* (1987). Ali destaca a contribuição de Genro Filho ao conceituar que o jornalismo é uma forma social de conhecimento. Meditsch salienta que a lógica científico-industrial é uma tendência crescente no jornalismo e uma das causas de “matar” os sujeitos da cultura e do conhecimento, que são o que motiva o relato jornalístico. Para o autor, esta lógica positivista limita a crítica que o jornalismo poderia fomentar. Também lembra que o método utilizado pelo jornalismo não deve ser o mesmo da ciência: esta se torna um modo de conhecimento do mundo explicável e o jornalismo se torna um modo de conhecimento do mundo sensível.

O autor lembra, também, que a perda do objeto de estudo do jornalismo deve-se, em grande parte, ao modo como as universidades passaram a entender o jornalismo, influenciadas, no Brasil e na América Latina, na década de 60, pelo Centro de Estudos



Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal). O centro generalizou o currículo e passou, nas palavras de Meditsch, a formar burocratas, mais voltados à prática do que às teorias humanistas (1992, p. 65).

Segundo Meditsch, esta forma de ensino do jornalismo nega o homem como sujeito, pois suprime o sujeito da prática e a prática do sujeito (p. 79-80). O autor defende, deste modo, uma pedagogia do conteúdo, influenciado pelas ideias de Paulo Freire, para quem o homem é criador de seu próprio conhecimento a partir do diálogo e da pergunta, de uma forma dialética. Meditsch destaca que o jornalismo precisa fornecer mais que informação, precisa oferecer sentidos.

Para entender conceitos, mesmo os conceitos simples de uma matéria jornalística, muitas vezes é preciso ir além do significado das palavras, para alcançar o seu sentido dentro do texto. O sentido é diferente do significado porque leva em conta não só aquilo que está no dicionário, mas também a intenção com que se usa a palavra em determinado texto (MEDITSCH, 1992, p. 92).

Tais sentidos podem ser descobertos a partir de técnicas jornalísticas que não recusem as características humanas em sua totalidade, não neguem o sujeito, ou seja, não apenas dêem importância à objetividade, mas também às subjetividades que demonstram a humanidade em sua completude.

Humanização na narrativa jornalística

Neste trabalho entende-se por narrativas humanizadas aquelas que priorizam um jornalismo produzido com vidas e privilegie a busca de múltiplas vozes e olhares. Ou seja, quando o jornalista coloca-se a serviço, atendendo ao seu compromisso social, vai buscar os fatos e os relata como histórias ricas em informações – que podem ser impressões, detalhes, sensações, emoções – com o intuito de subsidiar seu público para a compreensão, para que tenha uma posição sobre o assunto.

O relato jornalístico humanizado é também aquele que não busca disseminar preconceitos, mas compartilhar sentidos, valores universais. Em sua obra *Jornal escolar e vivências humanas* – um roteiro de viagem, Ijuim (2005) conceitua jornalismo humanizado. Ele lembra que o fazer jornalístico busca *versões verdadeiras* e não, necessariamente, *produz a verdade*, pois o jornalista não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo.



Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência.

Na procura da essência dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Se busca a *compreensão*, conta com observação objetiva, mas para isso recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades, *subjetividades*. (IJUIM, 2005, p. 40 – itálicos do original)

Obter esses resultados pressupõe que o repórter coloque-se como ser humano, pois, antes de ser profissional, é um cidadão e um integrante da espécie humana. Consciente de seu papel, pode então iniciar o recolhimento dos dados para sua reportagem.

A captação das informações, além da consulta às fontes, pode contar com a observação do repórter que unirá sua dimensão objetiva e subjetiva a fim de compreender, mais amplamente, o fato que reporta. Tais impressões e depoimentos poderão ser unidos no momento de produção do texto jornalístico. Entretanto, para se chegar a este resultado é preciso sair dos lugares-comuns, dos moldes o *lead*; para tanto, trata a informação de forma criativa e humanizada, com impressões e detalhes. Cremilda Medina (2001) lembra da necessidade de o repórter desenvolver uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. “Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito” (p.30-31). Além disso, a investigação jornalística também deve ser dotada de curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária à do repórter).

A autora acredita que a melhor forma de aproximar a realidade das pessoas é por meio de narrativas em que a essência dos entrevistados ocupe lugar de destaque no relato. Afinal, como destaca Medina, a arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente, pois dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos no cosmos. “Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida”. (2003, p. 47-48).

Neste aspecto, Chaparro (2004) ressalta que o relato humanizado no jornalismo é a ferramenta social para satisfazer não apenas a curiosidade das pessoas, mas o vácuo



universal de noticiar o tempo e a existência humana, que vincula o jornalismo aos processos da vida e da cultura. É a forma de se perceber, nas manifestações do cotidiano, a complexidade dos problemas e, pelo relato, ligá-las aos valores da vida humana, rumo à transformação.

Para tanto, o repórter, que é produtor dos conteúdos informativos, pode se colocar como autor, como realmente o é, da narrativa dos fatos sociais. Esta humanização pressupõe, portanto, que o repórter assuma a natureza autoral de seu trabalho, em que é possível relatar o que ouviu, o que viu e em alguns casos, o que sentiu. "O resgate da cena viva exige a criação de um narrador que dramatize o que se passa à sua volta. Para isso, o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa" (MEDINA, 2008, p. 98). A autora defende que o repórter alcança tais propósitos quando tem empatia e busca compreender do outro, é solidário às dores universais.

Alberto Dines também considera a disponibilidade para a universalização como uma das habilidades necessárias ao jornalista:

Weltanschauung (concepção de mundo) e *Weltschmerz* (dores do mundo) são duas expressões do jargão filosófico pouco usadas em uma redação de jornal. Mesmo o jornalista que as ignora as tem presentes no seu comportamento diário. [...] A fome da África, os apátridas do Chile, a coragem dos dissidentes soviéticos, os heróis anônimos das obras monumentais são temas da atualidade, resultado dessa sensibilização generalizada para localizar o sofrimento do mundo, parte essencial do Ser jornalista. (DINES, 1986, p. 123)

No entanto, vale ressaltar que humanizar um relato não significa imprimir a opinião ou as críticas do repórter no texto jornalístico, mas dotar a narrativa de traços do ambiente onde o profissional esteve, dar o máximo de informações possíveis (sejam elas depoimentos ou impressões) para que os receptores possam compreender o fato. O relato humanizado também pode ser entendido como aquele que traz a figura humana sempre presente. Pode parecer redundante, mas não é. Ao analisar a imprensa cotidiana, que tem como princípio noticiar a vida humana, percebe-se que nem sempre as pessoas das quais a matéria jornalística trata, estão presentes. As rotinas profissionais, o *deadline* e o acesso às tecnologias para obtenção de informações, muitas vezes distanciam o repórter da rua, da cena viva, que deveria ser seu *habitat*.

Longe de seu espaço por excelência, a rua, muitos jornalistas acabam sucumbindo à hora de fechamento ou à comodidade dos relatórios (hoje, na maioria



digitais) e esquecem-se de humanizar seus relatos, ou seja, de conversar, ver e até sentir a esfera das vidas que narram.

O ato de relação do jornalista com seu povo ocorre na comunhão, e não na rejeição. Surpreendem-se, em várias matérias ou críticas das obras de arte, seja literatura, cinema, teatro, artes plásticas, fotografia, ou multimídia, a ironia, o desprezo, o juízo corrosivo que denunciam a impossibilidade de lidar com o Outro. Só o impulso interativo e afetuoso irradia a autoaceitação e abre os poros para se ouvir o diferente (MEDINA, 2006, p. 86).

O ritmo mercantil da imprensa atual tem feito com que os jornalistas esqueçam-se da boa história para contar, princípio que esteve sempre presente no desenvolvimento do jornalismo. “Os jornalistas sabem, no entanto, que o relato estilizado muitas vezes não cumpre a sua função. Eles sentem a necessidade de humanizar o acontecimento”. (BIRD e DARDENNE, 1993, p. 273). Os autores também alertam que, escritas sob a forma da pirâmide invertida, as notícias podem ser esquecidas pelos leitores. A narrativa precisa apresentar relações de causa e efeito numa progressão lógica. Muitas vezes, destacam os autores, é preciso humanizar a narrativa, nos moldes de uma história a fim de aproximar o fato dos receptores. Ou seja, é a singularidade de cada vivência que a transforma em fato jornalístico. Afinal, as histórias sempre tratam de personagens que trazem valores-notícias culturalmente compartilhados.

Meditsch, ao revisitar a obra de Genro Filho (1987), lembra das categorias singularidade, particularidade e universalidade evidenciadas na obra *O segredo da pirâmide* para enfatizar que a singularidade é a essência da notícia. Segundo Genro Filho, o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no singular, cujo conhecimento caminha do universal para o singular. Portanto, o singular é a forma do jornalismo e não seu conteúdo.

O autor critica a racionalidade do método jornalístico. Acredita que ao mostrar a realidade a partir dos fatos narrados (singulares) com comprometimento do repórter, tal atitude pode contribuir para a mudança social. Por isso, é um movimento revolucionário, que independe da postura do veículo de comunicação, mas sim, de como o repórter se coloca (e relata) diante dos fatos. É importante, entretanto, que o repórter esteja atento aos valores universais contidos na singularidade humana e que tome o cuidado para não criar estereótipos.



Cada indivíduo amplia sua singularidade com o conhecimento da singularidade dos demais, amplia sua particularidade com o conhecimento da particularidade dos outros, constitui a universalidade humana ao redor de acordos, consensos ou negação das singularidades e particularidades (KARAM, 1997, p. 95).

Muitas vezes a singularidade pode ser apreendida a partir do relato descritivo feito pelo repórter, informações nem sempre objetivas que ajudarão a construir a complexidade que precisa ser conhecida a partir da narrativa. Afinal, Francisco José Castilhos Karam lembra em sua obra, *Jornalismo, ética e liberdade* (1997), que a razão humana é mediada pelo conjunto de expressões que se traduz em verbalizações, imagens, memórias, sentimentos, paixões.

O jornalismo deve mostrar tudo isso. Deve mostrar tanto aquilo que “humaniza” quanto aquilo que “desumaniza” o homem. Deve mostrar tanto a singularidade do movimento cotidiano dos indivíduos quanto os comportamentos particulares dos grupos e culturas e a conexão universal entre cada indivíduo e grupo com a totalidade social (KARAM, 1997, p. 94).

Genro Filho também lembra que não existe relação humana sem mediações objetivas e subjetivas. Pois quando indivíduos presenciam um fato estão diante das incertezas e opções individuais e sociais. Entretanto, a formação do jornalista tem inculcido a ideia de que os relatos jornalísticos devam ser objetivos, quando pretendem ser imparciais, ou seja, sem marcas de opiniões.

O sujeito conhecedor busca o contato com o mundo exterior por interesse. Isto significa que subjetividade não somente é uma característica intrínseca a este processo, como também uma condição *sine qua non* para a busca da realidade. Em outras palavras, ao contrário da ideia de que objetividade e subjetividade são antônimos, subjetividade é imprescindível para a objetividade. (...) Esta característica inerente do processo de conhecimento mostra o equívoco da posição empirista de que basta abrir os olhos para conhecer a realidade de maneira direta (SPONHOLZ, 2009, p. 92).

Isso porque, mesmo a observação – citada pelo positivismo como racional – é sempre seletiva, já que precisa da escolha de um objeto, de um interesse, de um ponto de vista. Além disso, sua descrição pressupõe uma linguagem apropriada, portanto, baseada em subjetividade.

Sylvia Moretzsohn lembra que a questão da objetividade no jornalismo já foi exaustivamente tratada em numerosos trabalhos acadêmicos, que refletem, mais ou



menos explicitamente, diferentes teorias do conhecimento. "A questão essencial para a afirmação da objetividade está em que há uma realidade exterior ao sujeito, que o precede, com a qual ele interage necessariamente através - mas não só - do trabalho que é cognoscível através da razão (2009, p. 181). Ou seja, dotados de razão e emoção, os seres humanos viram a necessidade, ao longo do desenvolvimento social, de equilibrá-las a fim de bem conviverem com seus semelhantes. Principalmente nas atividades profissionais de todas as áreas, a dosagem adequada de racionalidade e subjetividade se faz necessária, o que vale, principalmente, para a atividade jornalística.

Ética e humanização

Ao realizar uma análise crítica sobre a cobertura de temas complexos da atualidade, como questões ligadas aos movimentos sociais, à diversidade étnica, ou aos conflitos econômicos, é possível perceber alguns equívocos no modo de fazer jornalismo. Um destes deslizes ocorre quando o repórter se preocupa apenas com o estilo (há a tentativa de narrar cenas, destacar personagens e descrever ambientes) mas, em vez de valorizar, o texto faz julgamentos, reforça estereótipos e preconceitos, portanto, desumaniza. Ao contrário, valorizar personagens é tratar a fonte como ser humano, como pessoa dotada de sentimentos e pensamentos, sem julgar ou estereotipar.

É necessário, no entanto, dizer que o jornalismo não pode conviver somente com "as coisas belas da vida", como lembra Karam, precisa tratar das tragédias que esta mesma vida carrega, para, inclusive, valorizar as consideradas grandiosas. "Os valores sociais só podem ser sentidos tanto pela razão como pela paixão e emoção se estiverem ligados socialmente à diversidade em que se expressam" (1997, p. 78-79). Isso porque há valores universais como o respeito ao outro, que norteiam os fazeres jornalísticos embasados na ética.

As posições e opiniões conservadoras, que particularizam a humanidade e não a universalizam, que justificam pelos preconceitos pessoais e particulares a condenação universal de outros valores que não os seus precisam ser derrotados no campo mesmo da disputa das consciências, convencidas de que o sofrimento deve ser superado, que a solidariedade não pode ser um ente genérico habitando os discursos e que a liberdade de informação não pode ser apenas uma formalização cínica dos manuais (KARAM, 1997, p. 83).



A partir desta perspectiva, este artigo teve como foco de análise a reportagem de capa *A Amazônia é nossa*, da edição 2012 da revista *IstoÉ*, de 28 de maio de 2008. A matéria foi analisada em conjunto com o editorial *A Amazônia do Brasil*, da mesma edição. Vale destacar que este veículo de comunicação tem como *slogan* “a revista mais combativa do País”.

O editorial trata da questão da internacionalização da Amazônia, assunto que ganhou destaque nas páginas dos principais jornais do exterior naquela semana de maio de 2008. O discurso é contundente: “À medida que a escassez de bens vitais como a água potável e a biodiversidade aumentam, os gritos de cobiça sobre o tesouro verde do País tornam-se mais fortes”, e segue: “Definitivamente, já passou da hora de o governo, o Congresso e demais autoridades nacionais, em nome dos brasileiros, darem um basta a essas questões, com um posicionamento firme e claro sobre a soberania” (*IstoÉ*, 28 de maio de 2008, p. 19).

Entretanto, o discurso sobre a soberania nacional acaba por julgar a luta indigenista, que também é patrimônio do Brasil: “torna-se urgente também um debate sobre a demarcação de terras indígenas na região e sobre quais são as reais necessidades desses povos”.

O título da chamada interna da matéria de capa é *Amazônia - a soberania está em xeque* com a seguinte gravata: “Avançam na comunidade mundial as propostas para a internacionalização do maior tesouro verde do Brasil. UMA RESPOSTA URGENTE SE FAZ NECESSÁRIA!” (destaques do original). A matéria que ocupa as páginas 28 a 33, faz um apanhado de como os veículos de comunicação internacionais trataram do tema.

O *box* “Muita terra para pouco índio”, publicado nas páginas 32 e 33, questiona, então, a soberania indígena. Destaca a agressão física a um engenheiro da Eletrobrás. “A cena, infelizmente, vem confirmar que a questão indígena saiu do controle das autoridades há muito tempo”. A matéria informativa traz a opinião do veículo sobre a questão indígena, embora o jornalismo opinativo tenha seu espaço, por excelência, no editorial, onde o assunto não foi expresso. A narrativa segue:

Não há o que discutir: em Roraima, há muita terra para poucos índios. Por mais que o Estado se disponha a fazer um acerto de contas com o passado, nada justifica as dimensões gigantescas de reservas como a Raposa Serra do Sol. Não faz sentido as nações indígenas se transformarem num Estado dentro de outro. Em várias estradas na Amazônia, os índios chegam a cobrar pedágio e determinar os



horários em que os caminhões podem trafegar. Com isso, desmoralizam o governo local e põem em xeque a segurança do País. Em recente palestra no Clube Militar, no Rio de Janeiro, o comandante militar da Amazônia, general-de-exército Augusto Heleno Pereira, mesmo sob o risco de ser punido por indisciplina, denunciou os disparates que acontecem na região. “A política indigenista está dissociada da história brasileira e tem de ser revista urgentemente”, afirmou o general Heleno. O general-de-brigada Antônio Mourão, comandante da 2ª Brigada de Infantaria da Selva, apóia integralmente seu colega de farda. “A demarcação contínua coloca a soberania em risco. Daqui a pouco, os índios vão declarar a independência de seus territórios”, adverte Mourão. (*IstoÉ*, 28 de maio de 2008, p. 33)

O relato traz a ideia de que todos os índios são um problema, são indisciplinados, precisam ser controlados pelas autoridades. Ou seja, generaliza. Destaca apenas o lado violento da luta indigenista, não ouve os personagens envolvidos, julga-os. A legenda de uma foto em que indígenas seguram facões é a seguinte: “Tropa vermelha – Armados e pintados para a guerra, será que eles estão a serviço das ONGs?”.

A narrativa desumaniza, não contextualiza o fato, não traz a dimensão humana dos envolvidos. Entretanto, Karam ressalta que a consciência profissional do jornalista deve, isto sim, ter em conta a dimensão pública de sua atividade, as consequências sociais que traz, as responsabilidades que exige, “com a *obrigatoriedade* de revelação de acontecimentos independente da posição pessoal. Isto seria *consciência* de sua atividade profissional e da ética específica – não particularista – que carrega” (1997, p. 101 – itálicos do original).

Cremilda Medina também alerta que a

Comunhão, a plenitude da comunicação, ocorre na tríplice tessitura da ética, técnica e estética. Ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetuosa e poética, não se escapa dos problemas da crise de paradigmas reducionistas, da crise das percepções, da aridez emocional e da crise das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas (MEDINA, 2006, p. 69).

Ao utilizar esta “tríplice tessitura”, como menciona Medina, o jornalista pode dosar sua dimensão objetiva e subjetiva para construir uma narrativa humanizada, levando sempre em conta a *obrigatoriedade* ética de seu fazer profissional. A multiplicidade de personagens, ambientes e pensamentos da realidade complexa, a partir desta tríplice tessitura, pode contribuir para um jornalismo mais representativo do real. “Com a pluralidade dos fatos, vai desdobrando-se precisamente a verdade, sempre uma aproximação com a fidelidade dos acontecimentos, com a exatidão na apuração de



dados e eventos, com a objetividade narrativa, mas também com a sua humanização" (KARAM, 1997, p. 108).

O jornalista pode escolher a maneira de como produzir seu relato. É livre para inovar, unir ética, técnica e estética para um jornalismo mais atento à complexidade, totalidade e universalidade humana. Na obra *Jornalismo e verdade - Memória de uma liberdade* (1999), Daniel Cornu estabelece proximidades entre a deontologia e a liberdade: "Para o jornalista, a liberdade é um preliminar à sua ética, ao mesmo tempo que a sua ética o conduz a considerar a liberdade da informação e, mais geralmente, a liberdade dos outros, direito fundamental, como um valor que lhe incumbe afirmar" (CORNU, 1999, p. 132). Portanto, livre para construir um jornalismo de qualidade, ético e humano, o jornalista da contemporaneidade tem, em sua responsabilidade, a incumbência de relatar a diversidade de fatos que a cada dia transformam-se na superfície complexa da sociedade.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI/ Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/ Edições Omnia, 2006.
- BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. **Mito, registro e estórias**: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Por um jornalismo de pé no chão**. Disponível em: www.comunique-se.com.br. Acesso em: 13 fevereiro 2004.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4 Ed. São Paulo: Summus, 1986.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal e vivências humanas**: um roteiro de viagem. Bauru: Edusc; Campo Grande: UFMS, 2005.
- KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.



_____. **Ciência e jornalismo** – Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

REVISTA ISTO É. Edição 2012, São Paulo, Editora Três, 28 de maio de 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2004.